

# EDITORIAL

Não há dúvida de que o ano de 1988 assinala com acontecimentos marcantes para o conjunto da sociedade brasileira. Quando você estiver lendo os textos deste número de nossa "Educação em Revista", é quase certo que já estaremos vivendo a nova situação institucional no País, a partir da promulgação da nova Constituição brasileira. Mesmo que não carregue no seu corpo sinais de transformação radical na ordem jurídico-administrativa ou político-social, ela terá tido, mesmo assim, a virtude de deixar evidente o jogo de forças presente no tecido social brasileiro e as forças políticas emergentes para além daquelas que tradicionalmente freqüentaram os nossos textos acadêmicos.

Ao consultar as reflexões de Sociologia e Política encontramos longas análises a respeito das classes sociais, por exemplo, e de como os seus interesses se articulam nos processos sociais e políticos. E, de repente, descobrimos que os grandes interlocutores na reorganização política brasileira são as organizações corporativas e movimentos de segmentos da sociedade não especificados em classes sociais (negros, mulheres, índios, pequenos produtores, funcionários públicos, etc.). E todos lutam para se apoderar de parcelas de poder – condição visível para se assegurar direitos na vida social.

Aqui se colocam para nós, educadores, desafios novos: em que direção repensaremos a educação brasileira nos debates que se avizinham em torno das novas Diretrizes e Bases para a educação nacional?

\* \* \*

Claro que a questão acima não se encontra respondida neste número da Revista. Apenas, encontramos, de modo disperso aqui e ali, os componentes da temática da educação hoje. A partir da crítica da situação educacional (situação da Inspeção e Orientação Educacional), do exame de modos diferenciados para uma aproximação do ato educativo (problema dos métodos de ensino e da alfabetização), do desafio de uma proposta educativa numa situação revolucionária (Educação em Cuba) ou das perspectivas abertas a partir da nova Constituição, somos todos conduzidos para o campo de luta onde se travarão as ações que poderão renovar – ou não – a educação brasileira.

É UMA ESPERANÇA. E UMA TEMERIDADE.